

# Na terra de Sarney, partidos discutem a candidatura única

Thaís de Mendonça

São Luís — Todos os boatos que dominaram o meio político maranhense tiveram livre circulação nos salões do Palácio dos Leões, na noite de sexta-feira passada, quando o governador Luís Rocha comemorava três anos de gestão, com uma festa que reuniu perto de 500 convidados. Nem o PDS se furtou à convocação e Rocha, do PFL, pôde evoluir os copos de água de coco e uísque com a desenvoltura de quem encarnava a missão — para a maioria, utópica de promover a “união pelo Maranhão” e tirar daí um candidato único ao governo do estado em novembro.

Do planalto, o presidente José Sarney, que chega segunda-feira a São Luís, em visita oficial, mandou seus “enviados especiais”: o filho Fernando, presidente da Companhia Energética do Maranhão, e o deputado federal, Jayme Santana, candidato derrotado à prefeitura e seu amigo pessoal. Os dois chegaram pouco antes de meia-noite, a tempo de girar o eixo dos boatos num outro sentido: haveria um grupo de deputados do PFL maranhense — entre eles Zequinha, como é conhecido aqui o deputado José Sarney Filho — prestes a entrar para o PMDB.

## Amigos do peito

O enigma da sucessão maranhense está contido no intrincado jogo de poder da terra do presidente. Até agora o PMDB do Maranhão não tem candidato para lançar ao governo do estado. O nome natural seria o do deputado federal Epitácio Cafeteira que, no entanto, abandonou o partido pelo PDT. Cafeteira chega hoje com Sarney a São Luís sabendo que os pedetistas trabalhistas não têm nenhuma chance no estado e já pensando em apresentar-se pelo alternativo PDC.

No PFL, ao contrário, brotam candidatos como a mandioca na terra seca do

Nordeste. O partido tem pelo menos cinco nomes. O ex-secretário do Gabinete Civil de Luís Rocha, José Teixeira, descompatibilizou-se para disputar a sucessão e já está com sua campanha nas ruas. Na festa de sexta-feira, ele dividia os espaços amplos do palácio com outros dois concorrentes: o deputado federal João Alberto e o deputado estadual, Francisco Coelho. O ex-governador Ivar Saldanha (remanescente do grupo do antigo PSD liderado por Vitorino Freire) e o senador Alexandre Costa (ex-malufista) também têm a pretensão de serem candidatos do PFL.

O PDS já se definiu há muito tempo. O nome único e absoluto dentro do partido é o do senador João Castelo, marido da prefeita Gardênia Gonçalves, que quer ver de novo o seu grupo do domínio da política maranhense.

Em São Luís, não há quem não saiba que Castelo apostará todo o seu cacife nas próximas eleições. Sorrisos irônicos, porém, brindam a citação do nome do jornalista Edson Vidigal, lançado por políticos do PMDB de Grajaú (leste do estado) para o governo. Vidigal, que também integra a comitiva do presidente, apresenta como maior recomendação sua amizade com Sarney.

A julgar pelos tapinhas nas costas de Fernando, e nos círculos atentos que se formavam à volta dele e dos outros parentes, no Palácio dos Leões, muitos poderiam ostentar o rótulo de amigo de Sarney. Os candidatos, sem exceção, afirmam morar do lado esquerdo do peito do presidente da República. Até mesmo Castelo, que chama Sarney de “compadre”. Paradoxo: enquanto todos esperam que Sarney não interfira na política maranhense, as decisões ficam na expectativa da segunda-feira, quando ele chegar, via Imperatriz, para participar de uma programação da Companhia Vale do Rio Doce. O quadro, então, mostrará seus reais contornos.

O governador Luís Rocha estava eufórico. “Já fui o homem mais impopular do Estado”, dizia ele. “Hoje todo mundo quer o meu apoio. Não dá apoio quem não tem o que oferecer”, pensava. Para os seletos convidados do jantar de sexta-feira, o chefe do executivo estadual encomendou peixe com cuxá — iguaria regional à base de farinha de mandioca, ervas aromáticas e camarão — e doces típicos, cardápio adequado à discussão amena que se desenrolou nos salões.

Na cabeça do governador, a idéia presente era a de fazer a “união pelo Maranhão”. Juntar o PDS de João Castelo; o PMDB de Renato Archer e José Sarney; o PFL do próprio Rocha e até o PDT de Epitácio Cafeteira, em torno de um único candidato. Rocha, entretanto, enfrenta dificuldades. Seu vice, João Rodolfo, é do grupo de João Castelo, e o governador não quer deixar o cargo — o que faria para disputar uma cadeira no Senado — nas mãos de um potencial inimigo, dando a vitória de bandeja ao adversário.

A presença da bancada do PDS na assembléia legislativa, chefiada pelo porta-voz do senador João Castelo, deputado Afonso Barata, era vista por Rocha como sinal de bom augúrio.

Castelo, em entrevista ao jornal “O Imparcial”, não disse nem que sim nem que não. Ao falar da posição de Sarney diante da sucessão em seu estado, afirmou: “O presidente faz o que pode. Nossos caminhos não estão juntos no momento, mas poderão estar no futuro. Afinal, somos compadres.”

“Não está havendo um armistício”, ressaltou Castelo. Sua Mulher, Gardênia, que continua a administrar a cidade no prédio queimado pelos funcionários demitidos da Prefeitura, está em Brasília — quando ela foi a Sarney, o fez na qualidade de prefeita. “Foi um encontro de administradores que amam São Luís”, concluiu Rocha.

## Cozinheiro homenageia o presidente

São Luís — Numa das paredes de seu restaurante, Edilson Almeida afixou a tabela: “caldeirada — Cz\$ 80,00. Camarão frito — Cz\$ 70,00. Peixada — Cz\$ 50,00. Refrigerante Cz\$ 2,26. Cerveja pequena — Cz\$ 7,00.” Embaixo, a observação: “Eu, Edilson Almeida, não tenho deslize. Dou procuração a qualquer força para investigar a minha vida.”

Ele está feliz, feliz como nunca. O presidente José Sarney estará em São Luís hoje e Edilson aguarda o convite para preparar suas especialidades — a caldeirada e a peixada, além da torta de camarão — e mandá-las à residência oficial da Praia do Calhau. Um telefonema de Roseana ou de um dos filhos de Sarney e o cozinheiro de 56 anos se entregará alegremente ao trabalho de finalizar os 100 quilos de camarão e pescada vermelha que serão levados pela kombi da Presidência da República.

De tamancos, de pé no meio do restaurante, marcado pelas inscrições dos fregueses que em nove anos encheram de elogios as paredes, este maranhense de Barra do Corda desafia quem quer que seja a falar mal de José Sarney. No vidro da cozinha, ele escreveu de próprio punho a frase-garantia: “Nunca o povo foi governo como está sendo agora.”

— Outro dia, vieram aqui uma autoridade da Vale do Rio Doce e o dono do supermercado Lusitana. O homem da Vale começou a reclamar de meu restaurante e eu lhe disse que, se não gostava, poderia se retirar. O dono da Lusitana (sobre quem recaem, na cidade, acusações de estar desrespeitando as tabelas do governo) me pediu calma e disse: “A gente também está sofrendo.”

— Quem é que está sofrendo? O senhor? Eu estou muito bem. Estava mal há 20 anos, quando cheguei aqui e

via a cara de fome dos meus filhos. E nos dias de enchente tinha que carregar minha mulher no colo, com água pela cintura, para sair da casa — conta. — Em 20 anos, nunca tivemos um presidente de coragem. Só ele deu um arrochozinho nos mais poderosos.

Edilson mostra o autógrafo de José Sarney no livro encadernado. Se, na época de Sarney governador, ele já se considerava amigo do presidente, agora, depois do pacote econômico de 28 de fevereiro, tornou-se seu mais incondicional defensor. “O pai está assim o dia inteiro”, atestam seus filhos. E Edilson, ex-barbeiro de crianças, que faz proselitismo a favor do presidente nas ruas da Vila Bessa onde fica a “base do Edilson” não permite que se fale mal dele em seu estabelecimento e até expulsa os opositores:

— Dizem que eu sou apaixonado. Mas como é bom ser apaixonado pelo presidente da República.